

Diretivas (poéticas) antecipadas de vontade

Ana Margarida Pereira Pinto

“... o tempo, o tempo esse algoz às vezes suave, às vezes mais terrível, demônio absoluto conferindo qualidade a todas as coisas, é ele ainda hoje e sempre quem decide e por isso a quem me curvo cheio de medo e erguido em suspense e me perguntando qual o momento, o momento preciso da transposição? que massa de vento, que fundo de espaço concorrem para levar ao limite? o limite em que as coisas já desprovidas de vibração deixam de ser simplesmente vida na corrente do dia a dia para ser vida nos subterrâneos da memória;...” Raduan Nassar, Lavoura Arcaica, p. 97.

Havia tempos em que andava ao acaso e desimportada dos finais, das conclusões, e imersa na vida como se a morte, “a indesejada das gentes” a mim nunca atingiria. Vivi à beira do abismo em muitos momentos desta minha já longa vida. Muitas vezes o olhei nos olhos, mas nunca pulei para dentro dele. A morte que vivi muitas vezes foram as pequenas mortes, muitas vezes nem tão pequenas, que o percurso de viver impõe. A infância afastada da mãe, a separação daquele que imaginava ser o grande amor, o bater de asas dos filhos em busca de sua própria trajetória, a eterna busca do propósito de vida cheio de curvas e esquinas. Porém, assim como que de repente, como um temporal que desaba, a morte, a proximidade da minha finitude, passa a ser uma preocupação constante, uma quase fobia. Interessante, e isso, lembro agora, que quando grávida da minha filha caçula o tema me tomou, mas não havia a relação com a minha própria morte, mas a necessidade de entender a morte em si, o que significava, o que estaria nos aguardando após sua passagem, e fiz uma pequena biblioteca temática, da qual li alguns títulos.

Esse momento foi ultrapassado, os livros continuam na estante, mas fui em busca de outras temáticas, seguindo a vida sem preocupação com seu fim, até porque dele duvidava, ainda duvido. Depois de um diagnóstico de fibromialgia, quando as “dores moventes” já tinham feito um estrago no cérebro, a ideia da morte se tornou uma preocupação diária, uma ânsia que me levou, tanto à preocupação (excessiva) com consultas e exames, quanto a busca de conhecimento a respeito da “desditosa”. Fiz cursos de Tanatologia, estudei as obras da dra. Elizabeth Kübler Ross “sobre a morte e o morrer”, conheci a dra. Ana Claudia Quintana Arantes em busca de compreender que “a morte é um dia

que vale a pena viver”, estudos budistas para compreender “a eterna impermanência das coisas”, mas a ansiedade já estava instalada, convivo com ela, minha terapeuta sabe o quanto me afeta e eu sei o quanto me empurra a tentar compreender cada vez mais como fazer para morrer viva, e não morrer em vida.

O curso *Envelhecimento na Perspectiva da Gerontologia Social*, do Portal do Envelhecimento, turma de 2025, me trouxe a perspectiva da velhice. Não que ela já não frequentasse meu corpo, mas meu espírito não tem a idade que meus joelhos têm. Passei a compreender as diversas camadas da leitura sobre a velhice. Os cuidados com a saúde física e mental, o planejamento financeiro para garantir dignidade, a preocupação com quem se encarregará de cuidar de mim se eu perder autonomia física e/ou mental. Do ponto de vista social passei a compreender as desigualdades, as diversas velhices, a distância que ainda precisamos diminuir para garantir dignidade na velhice para todos e não somente para os que podem pagar por ela.

Instada a fazer um trabalho final, havia a possibilidade de vários temas, mas em acordo com minha “fobia” e acreditando ser de importância para apoiar a família em momentos difíceis, resolvi esboçar as minhas *Diretivas Antecipadas de Vontade*, e deixar nelas consignadas as minhas vontades com relação não só a medidas de tratamentos médicos em momentos críticos, mas alguns itens como quem me representaria e teria a última palavra numa decisão, a gestão das minhas finanças, os cuidados com a minha casa, a gestão das minhas redes sociais, a comunicação com meus amigos.

Desenvolvimento

As Diretivas Antecipadas de Vontade (DAV), embora não tendo regulamentação legal, são acolhidas pela Resolução CFM 1995/2012 que define as DAV como “o conjunto de desejos, prévia e expressamente manifestados pelo paciente, sobre os cuidados e tratamentos que quer, ou não, receber no momento em que estiver incapacitado de expressar, livre e autonomamente, sua vontade”. Há nela a previsão do consignante das DAV de instituir um representante para tomar decisões por ele. O sentido das DAV, em especial o Testamento Vital que pode estar inserido nelas é promover a ortotanásia, que etimologicamente, significa “morte cor-reta” – orto, “certo”; thanatos, “morte”, orientando os profissionais que estiverem assistindo o paciente a não promoverem o adiamento artificial da morte para além do que seria apenas natural, prolongando desnecessariamente a passagem do enfermo.

Na pesquisa “Diretivas antecipadas de Vontade em Geriatria” (p. 430) “as DAV representam a vontade do paciente de se sujeitar a tratamento médico, por meio do testamento vital (TV) e do mandato duradouro. O TV é o documento com os desejos antecipados do enfermo em situação de lucidez mental e de total autonomia de decisão, para ser avaliado quando ele não puder mais decidir por conta própria; quando isso acontecer, usa-se o mandato dura-douro, que nomeia alguém para tomar decisões por ele”. Neste trabalho não vou especificar o

testamento vital, me limitando a traçar algumas diretivas de vontade sobre aspectos gerais do momento de término da vida e orientações para as providências necessárias que meus familiares terão que tomar.

Em primeiro lugar, é necessário nomear algum familiar, ou mais de um, para movimentar contas bancárias senhas, gerenciar pagamentos, movimentar minhas redes sociais, pois tenho amigos que só conheço por elas, cuidar da casa e animais domésticos se os tiver, além de decidirem sobre as questões de procedimentos médicos que se fizerem necessários, respeitando minha decisão de ter uma “morte correta”, se baseando na ortotanásia.

Seguindo o desejo de morrer viva, espero estar lúcida até que “as Moiras” decidam “cortar o meu fio”. Desejo também que nessa hora eu possa estar cercada pelos meus queridos. Idealmente, se a “curva eterna” não me pegar de repente ou dormindo, espero que este momento tenha um cunho solene, no hospital ou em casa, o que for avaliado ser o melhor para oferecer cuidados paliativos que façam a “passagem” se dar da forma mais tranquila possível. Gostaria que meu médico assistente pudesse acompanhar o processo e apoiar as decisões a serem tomadas. Incenso, música clássica, mantras, muita água para os que estarão presentes, porque as lágrimas nos desidratam, orações conduzidas por alguém que conheça esses ritos de passagem. O momento pode ser de tristeza, mas que procurem viver a despedida com profundidade, pois isso ajudará no processo de luto. Até lá, podem ter certeza que já terei entendido que a morte é um portal para uma outra dimensão e que a Vida é um processo de passagem.

“Abacateiro, acataremos teu ato/ Brincaremos no regato, até que nos tragam frutos teu amor, teu coração. Enquanto o tempo não trouxer teu abacate amanhecerá tomate e anoitecerá mamão.”
Gilberto Gil, Abacateiro.

Gostaria que meu funeral constasse de um velório no Rio de Janeiro para que os amigos possam participar e no dia seguinte desejo ser enterrada em meu túmulo no cemitério histórico de Vassouras, ao pôr do sol. A missa de 7º dia quero que seja realizada na Igreja da Candelária onde fui batizada. O velório deve se dar em ritmo de festa com música e algo para que se possa “beber o morto”, como a tradição do Brasil profundo, quanto ao enterro e a missa de 7ª dia também devem ter música que elevem a alma dos presentes para uma comunhão com aquela que está em travessia. Que se disponibilize transporte coletivo para levar as pessoas que quiserem se deslocar para Vassouras. Além da missa de 7º dia presencial, desejo que se realize uma live convidando meus amigos com músicas, orações e as manifestações que quiserem ser feitas. Peço que gravem, pois em muitos momentos isso vai dar suporte às saudades.

Estou deixando as senhas para movimentação bancária e das redes sociais com minha representante e organizados todos os documentos necessários para o sepultamento em Vassouras, para a solicitação de auxílio funeral, abertura de inventário e contas a serem fechadas.

Este instrumento não está completo nem na forma em que possa ser registrado em cartório, mas desde já se torna válido e deve ser seguido por meus filhos em todos os aspectos que foram levantados.

Considerações finais

“A gente reconhecer a finitude é algo muito poderoso, isso cria uma urgência de viver. O que você está fazendo da sua vida?”
Denise Fraga, Conversa com Bial, set 2025

Elaborar essas determinações foi de intenso alívio para mim. Poder falar, escrever, determinar sobre coisas que no dia-a-dia são tabus, que algumas vezes falamos de maneira casual, mas logo mudamos de assunto, traz a consciência de que, ainda concordando com Clarice Lispector, “morrer é ininterrupto”, e merece ser cuidado como cuidamos da vida.

“A vida é tão contínua que nós a dividimos em etapas, e a uma delas chamamos de morte”. Clarice Lispector, *A paixão segundo GH*

Mas “viver é muito mais do que não morrer”, diz Cynthia Araújo em seu livro *“A vida afinal”* e tenho a sensação de que tendo determinado minhas vontades e tomado as providências para que sejam respeitadas, me deixo livre para viver não para a morte, mas para a Vida.

Referências

Arantes, Ana Claudia Quintana. *A morte é um dia que vale a pena viver*, Ed. Sextante, RJ, 2019.

Araújo, Cynthia. *A vida afinal, conversas difíceis demais para se ter em voz alta*. Oficina Raquel, 2023

Gil, Gilberto. Refazenda. Intérprete: Gilberto Gil. In: GIL, Gilberto. Refazenda. Rio de Janeiro: Philips, 1975.

Gomes, Bruna Mota Machado et al. Diretivas antecipadas de vontade em geriatria. *Revista Bioética*, Brasília, v. 26, n. 3, p. 429-439, 2018. Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/revista_bioetica/article/view/1491/1908.

Kübler Ross, Elizabeth. *Sobre a Morte e o Morrer*. Ed. Martins Fontes, SP, 2008

Lispector, Clarice. *A paixão segundo GH*. Ed Rocco, RJ, 1964

Nassar, Raduan. *Lavoura Arcaica*. Ed. Companhia das Letras, SP, 1989

Resolução CFM 1995/2012. Disponível em: <https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/resolucoes/BR/2012/1995>

Data de recebimento: 13/12/2025; Data de aceite: 15/05/2026

Ana Margarida Pereira Pinto - Formanda do curso Envelhecimento na perspectiva da Gerontologia Social, Portal do Envelhecimento e Longeviver; Especialista em Biblioterapia e Mediação da Leitura Literária pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UnoChapecó); Especialista em Gestão Pública pela Universidade Cândido Mendes (UCA); Especialista em Pedagogia da Cooperação e Metodologias Cooperativas (UNIBR); Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Graduada em Filosofia pela Universidade do Rio de Janeiro (UERJ). Diversos percursos em Comunicação Não Violenta - CNV, Desenvolvedora do projeto Rodas de Empatia, Curso de Biblioterapia (Cristiana Seixas), Formação em Escrita Reparadora (Graciela Chatelain) e Narrativas Auto-Biográficas (Portal do Envelhecimento e Longeviver), Curso Jogos de Escuta (Cláudio Thebas), Formação avançada e Supervisão em Biblioterapia (Carla Sousa). Servidora pública federal do Tribunal Regional do Trabalho 1ª Região, lotada na Biblioteca Ministro Carvalho Júnior. Mediadora de leitura do grupo Leituras Biblioterápicas e gestora da Comunidade Leituras Biblioterápicas. E-mail: amargaridapp@gmail.com, @poéticareparador.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.